

## **Mulheres de Rondônia: Construção do Feminino a partir da Migração das Décadas de 1970 a 1990**

Lilian Maria Moser<sup>1</sup>

**Resumo:** Essa pesquisa integra o Projeto (Re) Construção da História em Rondônia no Processo da Colonização Recente: A Trajetória das Famílias do PIC-Ouro Preto-RO, com o Sub-projeto História Oral de Vida com as Mulheres do PIC – Ouro Preto – RO. Nela procuramos refletir o papel exercido pela mulher durante o período migratório, em que as tarefas relacionadas aos afazeres da casa, educação dos filhos e no auxílio ao marido na lavoura, são impostas e cujo modelador é o masculino. A própria condição feminina está carregada da radicalidade na questão de gênero, em que a sociedade pensa, age e planeja no masculino e o imaginário é expresso na linguagem e delimita o feminino, e seu valor baseia-se na identificação com o masculino. Verificamos que essas mulheres iniciaram um processo de reconstrução, através de suas experiências e memória, o “feminino” e sua identidade feminina.

**Palavras chaves:** Mulher, Migração, Identidade

**Abstract:** This inquiry integrates the Project (Re) Construction of the History in Rondônia in the Process of the Recent Colonization: The Trajectory of the Families of the PIC-Ouro Preto-RO, with the Sub-project Oral History of Vida with the Women of the PIC – Ouro Preto – RO. About her we try to think the paper practised by the woman during the migratory period, in which the tasks made a list to the businesses of the house, education of the children and in the help in the tilling, are imposed on a husband and whose modeller is the masculine. The feminine condition itself is loaded of the radicalidade in the question of type, about which the society thinks, acts and plans in the masculine and the imaginary thing is expressed in the language and delimit the feminine thing, and his value bases on the identification with the masculine. We check that these women began a process of reconstruction, through his experiences and memory, the “feminine ” and his feminine identity.

**Words keys:** Woman, Migratory, Identity

### **1. Introdução**

Esse artigo trata de uma parte do estudo realizado durante o meu processo de doutorado pelo NAEA/UFPA/UNIR, em que foi realizada a pesquisa com aplicação de um questionário sócio e econômico dos associados e não associados da Associação Alternativa dos Produtores – APA, situada em Ouro Preto d’Oeste, com o objetivo de analisar o perfil dos mesmos. Bem como fazemos uma abordagem da colonização e dos aspectos do cotidiano.

Atualmente continuamos essa pesquisa discutindo sobre o papel da mulher na colonização e a questão de gênero e a construção do feminino, com o projeto aprovado pelo CNPq/PIBIC-UNIR, contando com uma bolsista e um colaborador.

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela UFPE e doutora em Ciências Sócio Ambiental pelo NAEA/UFPA. É professora titular na Universidade Federal de Rondônia – UNIR Tem experiência na área de Ciências Sócio Ambiental e sua pesquisa se concentra nos temas de história e memória, cultura e cultura étnica, colonização e migração, gênero e educação. Email: [Lilian.msr@gmail.com](mailto:Lilian.msr@gmail.com)

No primeiro momento, analisamos alguns aspectos da Colonização de Rondônia e as formas de colonização através dos projetos desenvolvidos pelo governo, fazendo uma referência às políticas públicas desenvolvidas nesse período.

Em seguida, tecemos uma discussão do processo migratório, as formas de organização das famílias, sua cultura e resistência no enfrentamento das diversas dificuldades. Nesse cenário encontra-se a Mulher que não recebe Título de Terra expedido pelo INCRA e nem é valorizada no processo da elaboração dos Projetos desenvolvidos em Rondônia.

E por fim relatamos experiências das mulheres entrevistadas referente à sua chegada no lote em Rondônia, onde detectamos a sua efetiva e incisiva presença em qualquer trabalho junto à família, ao marido e filhos e representava a força familiar e política, a perseverança “teimosa” e a afetividade feminina. Valores que sustentaram não somente a sua família, mas teve sua representatividade social. E nesse processo a mulher encontra espaços e formas para reconstruir sua identidade feminina.

## **1. O Perfil da Colonização em Rondônia**

O período analisado se refere aos anos de 1970 a 1990, onde Rondônia, inserido no contexto de transformação da *Fronteira* na Amazônia, no programa da “Operação Amazônia”, foi constituída pela política do governo federal e local uma *grande fronteira agrícola*.

A ocupação de suas terras foi realizada de várias formas, por colonização oficial, “espontânea”, por ocupação dirigida pelo órgão competente do Estado, ou ainda por empresas privadas, através de Projetos Integrados de Colonização – PIC’s e outros, baseados na formação de pequenos lotes de terra (estabelecimentos) na agricultura familiar e na pecuária reproduzindo uma economia integrada ao restante do país.

Para viabilizar a organização e divisão das terras, devido a sua extensão e complexidade social e política, o INCRA, ainda no ano de 1975, dividiu o único Projeto Fundiário de Rondônia em vários outros Projetos Fundiários, que dentre deles se localizam os Projetos Integrados de Colonização – PIC’s. Nesses PIC’s foi criado o Projeto Integrado de Colonização de Ouro Preto – PIC – OPO, que é a área de nossa pesquisa.

Na política a divisão de terras, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA adotou uma forma de organização estabelecendo uma divisão de hierarquia e valores, em que os PIC’s eram destinados aos agricultores de baixa renda e cabia ao INCRA implantar a organização territorial, a infra-estrutura, a administração, realizar os assentamentos e dar o título aos produtores, bem como, promover a assistência técnica, o

ensino, a saúde e previdência social, a habitação rural, a empresa cooperativa, o crédito e a comercialização.

Os Projetos de Assentamento Rápido - PAD's, segundo a modalidade de colonização, eram assumidos pelos parceleiros<sup>2</sup> que deveriam ser mais especializados que um trabalhador sem terra, com um mínimo de conhecimento agrícola e, ao mesmo tempo, com algum recurso financeiro e experiência para a obtenção de crédito bancário e cuja produção era apoiada pela política agrária para o cacau.

A outra forma tratava da Colonização Particular, realizada por empresas particulares de colonização cadastradas no INCRA, em terras particulares ou públicas, cuja aprovação, de cada projeto, era de responsabilidade do referido instituto. Sua característica era a “do tipo empresarial” e as pessoas qualificadas em participar desse tipo de colonização, eram os agricultores de média renda com tecnologia mais avançada, possuidores ou com possibilidades de crédito bancário, (RELATÓRIO:INCRA/EMATER,1981,p.32).

Essas formas de condução para a distribuição de terras atraíram milhares de famílias de várias regiões do país que objetivavam reconstruir sua vida com mais recursos financeiros e com qualidade de vida. Para esses migrantes a terra era sinônimo de fartura e que estava disponível para ser cultivada e também povoada. No entanto, travaram-se inúmeros conflitos étnicos e sociais, que segundo (IANNI,1975,p.13-17), formava uma intensa cadeia de tensões.

Nesse processo migratório, na maioria das vezes, os homens deixavam a família no seu local de origem e “vinham na frente”<sup>3</sup> para dar início ao roçado, construir um barraco e num período de três a seis meses, buscavam a família ou mandavam buscá-la através dos seus parentes ou conhecidos residentes em outros estados brasileiros, e nesse retorno outras famílias aproveitavam a viagem para conseguir um lote de terra em Rondônia.

A mulher, em sua maioria viajava a Rondônia, para encontrar seu marido, alguns meses depois, no período de três a seis meses. Ao deparar-se com a realidade encontrada, em condições precárias, rústicas e sem a infra-estrutura necessária para morar dificilmente aceitava tal situação. Porém, não havia possibilidades de retornar ao seu local de origem e também não cabia a ela a decisão de escolher o local, a terra e nem o tipo de plantação.

Assim, nessas décadas realizou-se o “fantástico” da migração relatada pela história que valorizou somente os homens. A colonização oficial realizou uma efetiva divulgação nos estados do sul-sudeste pelo Governo Federal a respeito das terras de Rondônia, em que muitas famílias atraídas deixavam tudo e para se fixar em Rondônia. E a outra forma de divulgação

---

<sup>2</sup> Parceleiro era a denominação dada ao dono do lote

<sup>3</sup> “Vinhã na frente” - forma dos migrantes falarem dos homens que saíam sem a família para vir a Rondônia.

era a “não oficial”, denominada de “oficiosa” realizada através das notícias de parentes, amigos e vizinhos<sup>4</sup>.

## 2. A Mulher na Distribuição de Terras

No processo de colonização no que se refere à distribuição dos lotes de terras a preferência cabia ao homem, cujo título concedido somente em seu nome. À mulher não era concedida o lote em seu nome e nem financiamentos para aplicar na sua lavoura.

Verificamos no Relatório do INCRA (1988:032-033), até o ano de 1983, nos cinco Projetos Integrados de Colonização e nos dois assentamentos dirigidos, foram demarcados 25.162 lotes rurais, o que equivale a 93% da capacidade dos projetos e durante o período dos anos de 1970 a 1983, expediu em Rondônia 67.074 documentos, dos quais 25.162 se referiam a Autorizações de Ocupação, 19.070 eram Cartas de Anuência e 23.110 Títulos Definitivos. E na questão de assentamentos, até no mesmo ano de 1983, nos Projetos Integrados de Colonização e nos Assentamentos Dirigidos foram identificadas 25.0962 famílias, selecionadas 26.486 e assentadas 23.655 e as 2.828 famílias selecionadas, mas que não foram assentadas ficavam no aguardo da abertura do Assentamento Rápido.

Esses números comprovam a dinâmica da migração que era intensa, porém, esses títulos foram concedidos de preferência para os homens, aos chefes de família, assim denominados. Sendo assim, em nossa pesquisa em documentos primários, não encontramos nome de mulheres que receberam o título de terra. No entanto, na história da colonização, homens e mulheres, oriundos de regiões e culturas diversificadas foram ocupando as terras nas frentes de colonização, que determinaram as “frentes”, conforme o pensamento que vem se confirmar com o comentário de GRAZIANO DA SILVA (1979:49):

É fundamental destacar aqui o papel dos pequenos produtores na expansão dessa fronteira. O baixo custo de incorporação das novas terras esteve sempre relacionado com a apropriação do “trabalho morto” incorporando por esses pequenos parceiros, arrendatários e posseiros. Como se diz corriqueiramente, eles “amansaram a terra” (desmatam, preparam para o cultivo, abrem caminhos, etc.) antes de elas serem apropriadas pelas grandes empresas capitalistas, geralmente dedicadas a culturas perenes e pecuárias.

Homens, mulheres e crianças constituíram o ponto fundamental na expansão da agricultura em Rondônia, iniciando com a agricultura de subsistência nas pequenas

---

<sup>4</sup> Foi realizado e filmado um documentário a respeito da colonização inicial em Rondônia, denominado, “Em busca do Eldorado” onde foram recolhidos relatos e testemunhos e retratando a atuação da empresa União Cascavel que transportava os migrantes até mais ou menos próximo à linha de acesso ao lote.

propriedades, em que, principalmente a mulher era responsável pela horta, pela criação de pequenos animais e pelo cultivo de frutas para alimentar seus filhos.

## 2.1 A Situação da Mulher no PIC-Ouro Preto.

Com a pavimentação da BR-364 entre as décadas de 1960 e 70, se acelerou o processo migratório para Rondônia. Conforme o (RELATÓRIO: INCRA/EMATER,1981, p.08) entre os anos de 1961 a 1970 migraram para o Território Federal de Rondônia 30.770 pessoas.

A maioria das cidades do estado de Rondônia foi formada nesse movimento migratório e na dinâmica de colonização para atender os pequenos agricultores oriundos de diversos estados brasileiros. O objetivo do PIC se constituía como modelo de um projeto de colonização no estado de Rondônia, em que, as famílias receberiam lote de aproximadamente entre 8 a 20 hectares de terra em nome do chefe da família.

Em nossa pesquisa, no ano de 2001, para a formação dos dados sócios econômicos do trabalho de pesquisa do Curso de Doutorado aplicamos 77 questionários aos produtores, entre os associados da Associação Alternativa dos Pequenos Produtores – APA e os não associados da APA. Destes, apresentamos o seguinte resultado:

<b>Mulheres (M) – Donas de Título de Terra – PIC – OURO PRETO</b>			
<b>Identificação</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Idade</b>	<b>Data da Posse da Terra</b>
M1	casada	50 anos	1975
M2	casada	29 anos	1980
M3	viúva	52 anos	1982
M4	casada	50 anos	1986
M5	separada	36 anos	1995
M6	separada	33 anos	1995

(Fonte: Pesquisa de Campo, 2001)

Verificamos que a M5 e a M6 ocupam o papel de chefe da propriedade (do lote), que é justificado por serem separadas. As M1, M2 e M4 são mulheres casadas e declaram-se chefes da família, isto é o lote está no nome delas. Nessas não encontramos justificativa para essa situação. Embora que, durante a nossa conversa, por ocasião da aplicação do questionário, um e outro homem dizia estar de acordo de que a mulher também deveria ter o lote em seu nome, pois é a mulher que coordena a casa e a lavoura. Ela domina a situação de seu lar e da propriedade da família porque está mais próxima e presente, no cotidiano, com os filhos e

todos os aspectos que a circunda. Neste caso, não percebemos uma total liberdade para a mulher, ou seja, ela é dona de toda situação, é emancipada e gerencia independentemente a sua propriedade. Detecta-se certo comodismo por parte do homem.

Tal situação acompanha o caso da M2 ao declarar no questionário que o marido trabalha numa madeireira e por isso ela assumiu o lote. A tarefa que cabe à mulher, neste caso, é assumir o lote para garantir os produtos da terra e o emprego do marido garante também a subsistência da família.

A M3 é viúva e o lote está em seu nome e declara ainda no questionário que também exerce a atividade de costura. Dentre essas mulheres, cuja propriedade está no nome delas, a M3 é a única que exerce outra atividade, além da agricultura. As demais declararam que trabalham somente na agricultura.

Dentre dessas mulheres entrevistadas, perguntamos como aprenderam a atividade da agricultura, duas mulheres responderam que aprenderam com a família formada após o casamento e as outras quatro mulheres aprenderam ainda com os pais. E uma delas declara que é também Agente Comunitário de Saúde e que participou de estudos na Prefeitura Municipal do seu município.

No nosso questionário que formou um Banco de Dados, detectamos que a mulher atua em diversas atividades, tanto nas domésticas, na lavoura e ainda atua na comunidade em atividades de mutirão, de visitas aos doentes e diversos trabalhos comunitários e também na Igreja. Ela sempre encontra um tempo para as pessoas que necessitam de algum auxílio. Conforme MILL (1869), a mulher aprendeu a ser submissa pelo poder dos pais, do marido e da própria sociedade. As suas falas revelam que ela é a primeira a levantar para realizar as tarefas domiciliares e a última a repousar depois de um longo dia de trabalho intenso, sendo solícita e atenciosa com todos os membros da família.

### **3. As Mulheres Expressam o seu Lugar e Papel na Colonização**

Para conversarmos com as mulheres que vieram no início da abertura do PIC Ouro Preto ou em outras formas de colonização realizamos visitas em seu domicílio. Muitas já eram conhecidas nossas e outras fomos conhecendo através de uma Agente de Saúde, que realiza cursos de formação na área de saúde da mulher e cozinha alternativa.

Através dos relatos orais estamos reconstruindo a história da colonização em Rondônia a partir das mulheres. Pois, a história valorizava o registro oral onde pessoas de várias classes relatam experiências, acontecimentos e fatos que a marcaram em sua vida (HOBSBAWN, *apud* MONTENEGRO, 1994: 23).

A narrativa das entrevistadas representa a experiência individual e o coletivo, pois estabelecem os componentes sociais e possibilita estudar de forma detalhada as identidades e diferenças do mundo das memórias:

As entrevistas são livres, tendo como ponto de partida a história de vida, para que no decorrer da narrativa o colaborador sinta-se a vontade e relate os fatos ocorridos em sua vida foi o instrumento privilegiado para se resgatar essa outra história que tem na tradição oral, o elemento fundador de seu registro (Montenegro, 1994: 24).

A pesquisa apresenta que a própria condição feminina está carregada da radicalidade na questão de gênero, em que a sociedade pensa, age e planeja no masculino e o imaginário é expresso na própria linguagem e delimita o feminino. Sendo assim, o feminino tem seu valor quando abraça o masculino.

A forma da fala das mulheres traz a carga a que elas foram instigadas, à lembrança objetiva da experiência do momento, do que está ocorrendo no lugar aonde a lembrança é criada e recriada. Pois, ativar a memória é buscar o conhecimento instituído nos fatos ocorridos em detrimento da sociedade ou do próprio indivíduo.

Em se tratando dos trabalhos que a mulher era obrigada a fazer, Dona G. expressa (01/2008), que para a mulher não havia escolha de trabalhos e nem o seu tipo:

Nós trabalhávamos carregando água, colocando a lata de água na cabeça, não tinha energia elétrica, não tinha água encanada, não tinha nada. Depois chegou a energia e o Zé comprou uma bomba e colocou no poço. As roças eram tudo pertinho e nós fomos trabalhando até que Deus ajudou e a gente melhorou de vida.

Podemos afirmar que o fator social desempenhado pela mulher foi de forma funcional, a adaptação ao local, a obrigação de zelar pelo lar, marido e filhos, cultivar hortas e ajuda na lavoura. Seu papel assumido consistia em ser enfermeira até chefia da família, principalmente quando o homem adoecia, conforme a fala de Dona N. (01/2008);

Eu venci, depois dos dez meninos não nasceu mais nenhum, mas também depois de dez tinha que parar estava impossível ter mais. Às vezes faltava comida e eu tinha que ralar mandioca, pra poder ajudar o marido, fazia farinha pra dar pros meninos, era aquelas farofinha,

Em outras situações, segundo a fala de Dona G. (01/2008), em que o homem teve que vir para Rondônia a fim de conseguir terra e após ter encontrado o lote de terra, retornava para buscar a esposa com filhos e algumas vezes ela vinha só ou com parentes em um pau-de-arara. Dona G.(01/2008) afirma:

...arrumaram um carro pau-de-arara trouxemos quatro mudanças em cima dele... Fizemos uma garagem em cima dele e nós viemos debaixo dela, era como se fosse uma toca, enchemos com o guarda roupa, máquina e tudo o que tinha, mas nós colocamos umas madeiras por cima pra poder vir por baixo. Ficou bem alto cabia uma pessoa em pé, aquele trem era igual ao mundé, mais tudo ficou arrumadinho, bem na verdade foram três famílias e quatro mudanças.

Dona N. (01/2008) expressa seu cotidiano árduo que enfrentava e sem poder fazer escolhas, sem atender à sua vontade própria, como mulher e feminina:

Quando meu marido adoeceu tive que trabalhar na roça, rocei uma terra que o barro dificultava o trabalho, tive que trabalhar com as mãos, pedi pra um vizinho meu me ajudar a lê como fazer para da tudo certinho e, eu consegui tudo que eu plantei vingo foram cinco alqueire. Depois ele sarou e continuou a trabalhar imagine uma mãe de dez filhos trabalhar na roça, e levar comida, subir serra com menino de doze anos, porque não tinha quem cuidasse ele nunca gostou de cuidar de menino, tinha hora que eu chegava sem um pingo de sangue eu me sentava e caía .

Pela fala da Dona N. verificamos que a adaptação para algumas mulheres foi algo um pouco mais simples, devido ao estabelecimento de uma relação de companheirismo muito grande entre as famílias migrantes, as dificuldades por serem parecidas foram construindo a amizade e o companheirismo dos colonos, em que o local de origem não é uma determinante, mas a cultura e o imaginário foram sendo adaptados e articulados e com isso o cotidiano foi possível para viver de um a forma mais feliz.

No entanto, para outras mulheres o cotidiano se tornava sofredor, pois no seu papel de esposa deveria permanecer submissa a vontade de seu marido, mesmo que isso fosse depender de sua felicidade. STUART (2006: 53) afirma que a "assimilação de esposa a escrava – e não escrava sob a forma mais amena de escravidão: pois em alguns códigos de escravidão , o escravo podia legalmente obrigar seu senhor a vendê-lo". Nesse sentido, as mulheres têm dentro de seu inconsciente uma estrutura moral que lhe prende bem mais que uma escrava ao seu senhor, com isso ela tenta se adaptar ao meio.

Durante a nossa convivência na pesquisa com as mulheres, percebemos a amizade que ainda é atualmente cultivada, constitui a base para viver de forma menos opressora, sendo suporte para os desafios da vida e também conviver com a indiferença do marido. Muitas amigas em pequenos grupos de mulheres iniciaram há 20 ou 30 anos passados e hoje continuam se ajudando nas diversas tarefas do cotidiano e inclusive na criação dos seus

filhos. Estabeleceu-se uma cumplicidade que as impulsionou a assumir seu papel de esposa e também de continuarem a viver.

O trabalho das mulheres no cotidiano era visto como uma obrigação e não havia a idéia do prazer ou satisfação na realização de tarefas. E caso não realizassem as tarefas impostas naturalmente pela dinâmica da família e da própria sociedade eram consideradas preguiçosas:

Costurava dia e noite, às vezes acordava às três horas da manhã para limpar a casa para quando amanhecesse já estivesse tudo limpo e eu pudesse começar a costurar, não tinha tempo às vezes nem de sair no portão de casa, só trabalhando costurei dezenove anos na máquina pro sustento da minha família todinha eu não podia esperar do lote.(Dona A. B.( 01/2008))

Trabalhei demais fia o homem trabalha é bem verdade, mais é a mulher que sofre mais e são os filhos que ganham.(Dona N. 01/2008)

Não havia tarefa simples e leve, carregar água do igarapé para utilizar na cozinha, lavar roupa ou louça e nas diversas utilizações da água, era tarefa da mulher. Andava até o igarapé ou até o poço, carregava em uma lata água para encher todas as vasilhas e varrer o terreiro de suas casas.

Além de todas essas tarefas já discutidas aqui, o cuidado de providenciar a alimentação na mesa para a família, cumprir as exigências sexuais do marido sem ter prazer e nem mesmo sentir-se amada e ainda, cuidar de doentes com todas as exigências, acompanhando-os no hospital eram consideradas tarefas exclusivas da mulher.

Dona A. B. (01/2008) relata que costurava para aumentar a renda, trabalhava de doméstica, lavava de roupas para terceiros e ajudava o marido na lavoura. Nesses trabalhos a mulher deveria estar sempre presente e ainda ser o exemplo de mulher forte, educada e trabalhadeira:

A mulher era o espelho da casa, na questão da alimentação, da educação tudo partia da mulher, reunião de escola o pai nunca ia, só a mãe.

A sociedade também impunha comportamentos e criava modelos que eram assimilados pelo poder ou segundo os interesses de uma classe e grupos, bem como a Igreja com sua doutrina auxiliava ainda mais na humilhação:

Lembro-me, de ter ido a missa, pois estava precisando de uma palavra de conforto, nesse dia quem estava celebrando a missa era um padre de fora, não lembro o nome dele, quando cheguei ele já estava falando e perguntou quantas vezes vocês se ajoelharam e beijaram o pé do seu marido e pediram perdão pra ele? Verônica, enxugou os pés de Cristo com o cabelo e quantas vezes vocês mulheres fizeram o mesmo? Eu estava arrasada pelos desrespeitos com que meu marido me tratava, pedir o perdão pra quê? Se quem foi traída fui eu. (id.ib.)

Verifica-se que a identidade da mulher foi construída por um modelo masculino em que a mulher somente tem sempre obrigações a cumprir. Sua liberdade se condicionava ao trabalho e ao cuidado com seu lar, deveria ser o exemplo da família e da mulher comportada para proporcionar o sucesso de sua família. Sua força era de uma matriarca, mas não era reconhecida e nem poderia tomar decisões por mais que suas idéias fossem para o crescimento financeiro da família:

Nos tínhamos que agüentar tudo, todas as contas, porque o pai só vinha às vezes no final de semana, eram as mulheres que tomavam de conta, tanto que se falava a cidade das mulheres e das crianças. A discriminação era grande em tudo a mulher estava presente mas não podia tomar decisão alguma. Tinha que esperar o marido vir, para poder ele decidir (Ib.id)

No depoimento de Dona D. (02/2009) se verifica o domínio do marido que domina determinando a venda dos objetos da casa e que tipos deveriam ser levados a Rondônia, e, nenhum momento ele dialogou com sua ela para verificar o que desejaria para sua vida:

As mudança ele vendeu tudo, ele teve coragem de trazer cachorro mais não teve coragem de trazer minha máquina de costura, porque eu costurava, ele me prometeu de comprar outra, comprou uma maquininha velha que me deu trabalho pra caramba.

Verifica-se neste aspecto que a mulher não poderia realizar suas aspirações de mulher, de realizar-se como mulher feminina. Em nossa conversa com Dona D. percebemos em suas expressões que a máquina de costura era de muita importância, pois representava sua realização como mulher. Ela sentia-se dona somente da máquina de costura, e esta representava a sua feminilidade, onde exercia o seu feminino (SMITH,2003). Pois as outras tarefas eram impostas e representavam somente o masculino e ela teve que assumir o “masculino” por força de várias circunstâncias em sua vida.

#### **4. Considerações Finais**

As experiências de vida aqui relatadas por algumas mulheres proporcionam um novo olhar sobre a história da colonização em Rondônia e em que o trabalho do “desbravamento” não é uma tarefa unicamente do homem. E tratando-se de sua participação nos modelos de colonização em Rondônia, traz à História uma reelaboração, proporcionando uma nova reconstrução e novos significados.

A história da mulher na colonização em Rondônia, embora não formando um grupo específico, como categoria feminista, sua memória é coletiva, pois foi construída no modelo concebido pelo homem em que a mulher foi “moldada” segundo os interesses da sociedade. Afirma (SHMITH,2003:392-394) que a mulher teve que trabalhar como homem para conseguir ser reconhecida nos setores da sociedade.

No decorrer da trajetória da colonização e fixação na terra, a mulher descobre que sua experiência, suas dificuldades, frustrações e alegrias não são isoladas nem fruto de problemas unicamente individuais, mas são partilhadas por outras mulheres e que forma o coletivo. A descoberta dessa experiência comum, a transformação do individual em coletivo, forma as bases de uma história na perspectiva da mulher, em que (PERROT,2006) classifica em Excluídos da História todos aqueles que foram esquecidos nos anais da História. Mas, nessa redescoberta histórica e social pela mulher também conquista a “mulher” e a “identidade feminina” e redescobre o seu valor como “mulher” ultrapassando os limites que determinaram a formação da identidade feminina.

## 5. Bibliografia

- BLOCH, Marc. **Apologia da História. Ofício do Historiador**. Bertrand, 2002.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos**. São Paulo, CIA das Letras, 1994.
- COSTA, Francisco de Assis. **Ecologismo e Questão Agrária na Amazônia**, Série Estudos SEPEQ-1/NAEA/UFPA, Belém, PA, Ed. da UFPA, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Ciência, Tecnologia e Sociedade na Amazônia. Questões para o desenvolvimento sustentável**, UFPA/NAEA, Ed. Cejup, Belém, PA, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O Investimento na Economia Camponesa: Considerações Teóricas**. Papers do NAEA, Belém, PA, n.8, 1993.
- DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo, Cultrix, 1988.
- RELATÓRIO: **INCRA/EMATER**, Porto Velho – RO, 1981,
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1990.
- JOHNSON, Robert A. **She: A Chave do Conhecimento da Psicologia Feminina**. São Paulo, Mercúrio, 1987.
- IANNI, Octávio. **Colonização e Contra-Reforma Agrária na Amazônia**, Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1979.
- JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. São Paulo, Nova Fronteira, 2007.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **Engenheiros do Tempo. Memórias da Escola de Engenharia de Pernambuco** (série documentos). UFPE, 1995.
- \_\_\_\_\_. **História Oral e Memória a Cultura Popular Revisitada**, São Paulo, Contexto, 1994.
- MOREIRA, Branca Alves; PITANGUY, Jacqueline. **O Que é Feminismo**. São Paulo, Abril,
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: Operários Mulheres e Prisioneiros**. Paz e Terra. 4ª ed. 2006
- PRIORE, Mary Del (Org.) **História das Mulheres no Brasil**, editora Contexto. UNESP. 1997

- SMITH, Bonnie G. **Gênero e História: Homens, mulheres e a prática histórica.** (Trad. Flávia Beatriz Rossler).São Paulo, EDUSC,2003
- SIMONIAN, Lígia T. C. **Mulheres Da Floresta Amazônica Entre o Trabalho e a Cultura.**UFPA/NAEA.2001
- SILVA, José Graziano da. **A Modernização Dolorosa.** S.Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL,1979
- STUART, John Mill. **A Sujeição das Mulheres.** Escala.2006.(Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 39 - 1869)
- VELHO, Otávio Guilherme. **Capitalismo Autoritário e Campesinato,** 2<sup>a</sup>ed.São Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL.